



Vol. 23, nº 2 (2022)

DOI: 10.30681/issn22379304v23n02/2022p04-17

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM  
POEMAS DE VALDEIRE VERNEQUE DIAS**

\*\*\*

**THE IMPORTANCE OF AFRO-BRAZILIAN LITERATURE IN  
POEMAS BY VALDEIRE VERNEQUE DIAS**

Clésio Lopes do Nascimento<sup>1</sup>  
Rosana Arruda de Souza<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 15/09/2022

**Data de Aceite:** 10/10/2022

**RESUMO:** Propusemos, neste trabalho, uma leitura de dois poemas de Valdeire Verneque Dias – *Morte da Periferia* e *Migalhas* – de maneira que possamos ter uma visão crítico-reflexiva sobre a literatura afro-brasileira e os desafios por quais passam o sujeito produtor e o sujeito objeto desta literatura. Para tanto, lançamos mão de teóricos como Evaristo (2015) e Amâncio (2014).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Afro-Brasileira. Morte da Periferia. Migalhas.

**ABSTRACT:** We propose, in this work, a reading of two poems by Valdeire Verneque Dias – *Morte da Periferia* e *Migalhas* – so that we can have a critical-reflective view of afro-brazilian literature and the challenges faced by the producing subject and the subject object of this literature. To do so, we use theorists such as Evaristo (2015) and Amâncio (2014).

**KEYWORDS:** Afro-Brazilian Literature. Periphery Death. Crumbs.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMT.

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFMT. E-mail: rosanaarrudasouza@hotmail.com



## Introdução

Por literatura afro-brasileira ou literatura negra, podemos compreender aquela em que o sujeito negro pode ser pôr à frente; se expor seja como autor, seja como personagem. A literatura afro-brasileira seria um dos caminhos por meio dos quais o sujeito negro pode ser ouvido, trazendo suas narrativas que fazem ecoar toda uma ancestralidade. Conforme Conceição Evaristo (2015), a literatura negra se refere a uma produção literária em que tanto o sujeito da escrita quanto o sujeito objeto da escrita é o próprio negro – homens e mulheres que vão criar seus textos literários a partir de uma subjetividade negra.

Para Fernanda Felisberto (2015), há uma experiência negra brasileira que é diferente de ser branco no Brasil, que parte de um lugar, de uma ancestralidade, da vivência em cima da qual as histórias são construídas.

Desse modo, podemos entender que a literatura escrita por negros sempre virá junto a uma reivindicação – um negro ocupando um espaço na literatura por si só já constitui um ato e uma reivindicação de liberdade. A alforria do negro perdura enquanto processo histórico na medida em que a entrada de um negro em algum meio social continua a ser um degrau a ser galgado, um espaço de fala e de audição em constante construção.

Conforme Eduardo de Assis (2015), a literatura negra não constitui um fenômeno africano, porque as literaturas africanas, sobretudo as de língua portuguesa, são de países muito jovens ainda empenhados em fixar uma literatura angolana, moçambicana, por exemplo. Constitui um fenômeno das diásporas africanas, sobretudo nas três Américas, que começa nos Estados Unidos, na década de 1920, passa pelo Caribe, na década de 1930; é exportada para a França na década de 1930, como movimento da



negritude francesa; e chega ao Brasil em 1940, como o teatro experimental do negro (ASSIS, 2015).

A literatura negra vem, portanto, como uma intencionalidade negra de contar histórias de emancipação social, histórica e política por meio da poesia.

Para Eduardo de Assis (2015), não podemos mas rezear de falar que temos ainda, na literatura brasileira, uma hegemonia branca, uma literatura canônica feita por escritores brancos – especificamente, tratam-se das obras tidas como clássica, de referência, estudadas nas escolas – cuja maioria das suas personagens é branca. Os personagens negros não passam de 70% e os lugares que eles ocupam são os mesmos – domésticas, ou prostitutas, para as mulheres; malandros, para os homens. Já na literatura negra, essas figuras emergem como seres humanos na sua integridade, ao invés de estereótipos (ASSIS, 2015).

Para Felisberto (2015), outro fator relevante quando tratamos de literatura negra se trata do mercado editorial – produção, distribuição, opção de leitura. A história da escrita negra está intrinsecamente ligada ao mercado editorial. O primeiro editor brasileiro foi Paula Brito, ainda no século XIX, escritor negro que tinha uma tipografia. Ainda configura uma dificuldade para os escritores negros chegarem ao mercado comercial. A lei 10639/03 impulsionou com que esse baú de histórias fosse aberto, mas ainda está muito longe do que gostaríamos em termos de difusão, daí a importância de termos outros canais, como os blogs e as antologias (FELISBERTO, 2015).

O artigo 26 da LDB/1996 trouxe o seguinte

os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base curricular comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características



Vol. 23, nº 2 (2022)

regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Conforme Iris Maria da Costa Amâncio, o artigo 26 corroborava uma prática pedagógica pautada em simples contribuições do indígena e do africano, alimentando o tradicional olhar exótico sobre ambos, o qual os reduz a meros produtores culturais de dança, artesanatos, comidas e diferentes dialetos; quanto à reflexão histórica, esta permanecia vinculada ao legado português e aos grandes feitos dos heróis lusitanos do século XVI ao XIX (AMÂNCIO, 2014). A autora não nega, contudo, que a LDB/96, serviu como um pontapé inicial do sistema educacional brasileiro em relação à cultura afro-brasileira.

As coisas começaram a evoluir melhor com a lei 10639/03 complementada pela lei 11645/08, que especifica o teor de diversidade, colocando a história do negro (bem como do índio) como obrigatória nas escolas:

o conteúdo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizava a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo de história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e a indígena na formação da sociedade nacional e suas contribuições às áreas social, econômica e política.

A LDB/03 abre, pois, caminhos para pensarmos o negro não apenas como um figurante na cultura, com suas comidas e danças típicas, mas como, retomando as palavras de Conceição Evaristo, um sujeito pensante, com história, com seu valor político, com suas raízes africanas e, acima de tudo, com suas lutas.



Por isso mesmo, temos um longo caminho a percorrer. Infelizmente, a literatura negra, a despeito da obrigatoriedade imposta pela LDB, continua sendo o objeto outro em muitos espaços escolares. Outro ponto e, mais importante, é que não basta a presença dessa literatura; é preciso que ela seja lida com bons olhos e escutada com bons ouvidos. Por tudo que expomos até aqui, fica claro que a literatura negra se distingue da branca, porque seu *corpus*, mesmo que inconscientemente, sempre será um *corpus* militante, assentado na história da existência do povo negro, que tem que ser pôr à prova, tem que provar que não configura só um corpo. Ele fala, pesquisa, produz literatura. Falta que seja lido (melhor lido) e ouvido (melhor ouvido).

Não adianta que nos deem a voz (como muito se ecoa por aí) se não há ouvidos que nos escutem. Aliás, há que seja dito: voz sempre tivemos, falar sempre falamos, gritar sempre gritamos. Há que se procure compreender melhor o que nos foi objeto de falta.

### **Análise de dois poemas de Valdeire Verneque Dias**

Para melhor refletirmos sobre tudo que foi dito até aqui, analisaremos o poema *Morte da periferia*, de Valdeire Verneque Dias. Este se trata de um escritor negro nascido em Cáceres-MT e residente atualmente em Barra do Bugres-MT, mestre em estudos literários e conhecido por seus poemas que apresentam aspectos lírico-amoroso e político-social, e que problematizam as exclusões e desigualdades sociais.



Vol. 23, nº 2 (2022)

### Morte da periferia

Meu filho, cuidado!  
Não abre o portão ainda.  
Olhe bem pra sua roupa. Repare o penteado.  
Troque de calçados.  
Verifique todos os documentos.  
Não deixe nenhum de lado.  
(Apesar de que, às vezes, não há tempo pra se identificar).  
Leve a fotografia 3x4 como diz Belchior. ]  
Há perigo na rua e os guardas estão na esquina.

Meu filho, cuidado!  
Sua jaqueta. Seu relógio. Seu cartão de crédito.  
Não leve o da sua mãe, apesar dos sobrenomes serem iguais.  
Quem é do subúrbio, da periferia viverá à margem.  
(A utopia acabou).

Na periferia se morre porque é da periferia: dos becos, dos morros, das vielas, das rua de chão batido – poeira e lama.  
Se morre quando está nas baladas, no cruzamento, na avenida, na porta do hospital, no quarto da sua casa, no aconchego do seu lar.  
Se morre porque é pobre, é negro, é periférico.

Se morre de bala perdida ou asfiziado, estrangulado.  
De verba roubada da construção de hospitais, de escolas, de assistência social.  
Morre por retrato-falado, morre enganado – pode ser músico, catador de lixo, pedreiro, construtor da própria casa.

Se morre na viatura da polícia, e é desovado no matagal.



Vol. 23, nº 2 (2022)

Na ambulância porque não há leito para  
internação.  
Se morre porque parece com arma de  
fogo a sua ferramenta de construção.

Na periferia se morre...  
E vai morrendo aos poucos porque as  
etnias marginalizadas estão a morrer.  
Quanto vale um indígena?  
E as “arobas” de um quilombola?  
E a nossa miscigenação?

Na periferia se morre de fome, de ferro,  
de frio.  
Se morre de chumbo.  
Se morre de solidão, de depressão, de  
angústia por não saber o que será do  
amanhã.

Na periferia se morre antes de nascer  
porque a ultrassom não registra isto ou  
aquilo,  
o serviço de atendimento não funciona,  
a maternidade está cheia,  
porque a mãe é pobre, é negra, é  
periférica.

Da periferia se morre no centro: no  
shopping, no cinema, na perfumaria.  
Morre porque está no lugar errado:  
porque é pobre, é negro, é periférico.

Na periferia, da periferia  
um pouco de mim está morrendo  
porque não consegue respirar.

Meu filho, cuidado!  
Estou a te esperar no portão.

(DIAS, 2019).

No poema em cena, percebe-se um eu-lírico negro, pois pede-se a um  
filho que tome cuidado ao sair de casa, cuidado com seus traços negros,  
“repare o penteado”, cuidado com seu corpo de negro e sua identificação de



negro “verifique todos os documentos”. Tudo do corpo negro pode ser colocado à prova, até seus adereços: “Cuidado!/ Sua jaqueta. Seu relógio/ Seu cartão de crédito”. O negro “atrai” um olhar de desconfiança e sua morte na periferia se dá subjetivamente também, pois ele vai se esquivando a cada olhar, vai minguando, por que de ser um corpo tão controlado, “não consegue respirar” e morre.

No poema em questão, percebe-se que a literatura negra tem sua importância não apenas por tratar do negro em si, mas por dar vulto ao corpo periférico. Podemos compreender, por extensão, que a literatura negra trata do que é periférico e faz emergir o periférico. Quem é jogado para o lado periférico da vida “morre de solidão, de depressão, de angústia”, morre com gritos mudos. Portanto, quando falamos em literatura negra, não queremos demarcar espaços, nem criar hierarquias literárias nem de qualquer natureza. A literatura negra coloca uma lupa sobre os universos periféricos reconhecendo as histórias e conhecimentos de cada um que, por algum motivo, está ou foi posto à margem. “Estamos diante do desafio da troca e da partilha, e não mais da hierarquização entre os saberes” (GOMES, 2014, p. 152).

Na sexta estrofe, percebemos as etnias contidas no universo periférico, que não se tratam só da negra. O eu-lírico coloca sua lupa sobre os indígenas:

Na periferia se morre...  
E vai morrendo aos poucos porque as  
etnias marginalizadas estão a morrer.  
Quanto vale um indígena?  
E as “arobas” de um quilombola?  
E a nossa miscigenação?





Brandão (2006, p.11) aponta a literatura como “uma especial dimensão da vida”. Compreendemos que se trata de um espaço que agrega vozes; um espaço especial porque permite o colorido e a pluralidade das várias etnias. Ao trecho em cena do poema de Dias, lançamos um olhar positivo, porque avaliamos o amargor das etnias marginalizadas que estão a morrer sendo filtrado pela linguagem e transformado em poesia. A literatura se abre à dualidade do mundo das palavras, ao paradoxo constante da morte que se faz vida, à indignação ecoada nos vãos da memória.

Para Assis (2022, p.01):

é certo que não há, sobretudo no Brasil, uma literatura 100% negra, tomada aqui a palavra como sinônimo de africana. Nem a África é uma só, como nos demonstra Apiah (1997), nem o romance, o conto ou o poema são construções providas unicamente do Atlântico Negro. Num universo cultural como o nosso – onde verdadeiras constelações discursivas, localizadas tanto regionalmente, quanto no que Nora denomina “lugares de memória”, se dispõem ao constante reprocessamento –, insistir num viés essencialista pode gerar mais polêmicas do que operadores teórico-críticos eficientes para o trabalho pedagógico de formar leitores.

O fato de o poeta evocar outras vozes no poema, que não só a negra, demonstra justamente o “universo cultural” de que nos fala Assis. Os vários “lugares da memória” de um espaço periférico sempre irão alcançar uma pluralidade de indivíduos, de maneira que podemos compreender que a literatura afro-brasileira visa alevantar esses indivíduos, tirando-os do lugar de penumbra ou de cerceamento em que possam ter sido colocados.

Abaixo, mais um poema de Valdeire Verneque Dias:



### Migalhas

Quando menino  
aprendi a viver com as migalhas  
mas nunca me conformei com elas.  
Nos meus sonhos havia abundância de pão.

Algumas eram lançadas pelo poder público.  
mas a maioria o suor da minha família  
arrancava das garras dos fazendeiros  
que cercavam a cidade.

Sobrevivi à falta de alimentos  
às calamidades da saúde pública  
e ao descaso contínuo de amparos sociais.

Hoje eu sei de onde vinham  
o leite em pó e a bolacha mofada para a merenda escolar  
O fubá podre e o feijão carunchado,  
que eram ingredientes do Pacote Alimentação,  
distribuídos no Posto de Saúde Central  
para enganar a fome dos “pobres cachorrinhos”

As migalhas distribuídas na década de 1980  
caíam das mesas dos governadores  
Eram despojos dos palácios para as periferias

O trabalho forçado na adolescência  
minhas fatigadas viagens pelo sertão  
não romperam com as migalhas.  
Apenas o resultado da escola  
trouxe as primeiras fatias de pão

(DIAS, 2021, p. 34)

No poema *Migalhas*, novamente podemos depreender um eu-lírico negro. Temos a trajetória de vida desde o menino que “aprendeu a receber migalhas” até o adolescente despido pelo trabalho forçado. Em que momento da vida, as migalhas terminam? No momento em que, “apenas o



resultado da escola/ trouxe as primeiras fatias de pão”. O poema em cena nos remete à própria história do negro e sua africanidade.

Há muito, nós aprendemos a viver com migalhas, palavra a qual não necessariamente precisa vir com negatividade. Nossas migalhas constituem pedaços – pedaços com que construímos nossas histórias, nossas memórias; as migalhas com que os escravos faziam suas refeições. Para nós, migalhas não são ofensa, pois soubemos e sabemos fazer bom uso delas, nossos antepassados nos deixaram um bom legado de como sobreviver com pouco, e transformar o pouco em fartura.

Segundo Amâncio (2014, p. 49),

a leitura dos textos africanos de Língua Portuguesa corresponde a uma viagem em diferença: durante a trajetória, montam-se e desmontam-se cenas imaginárias em espaços poéticos e ficcionais ainda pouco navegados. Isso porque, em se tratando de referências africanas, os cenários comumente configurados para/por nós, brasileiros, são principalmente os de miséria e analfabetismo, bem como o exotismo das roupas coloridas, do batuque e do rebolado, ou seja, um imaginário que, em seu caráter reducionista e preconceituoso, não prevê a elaboração intelectual e a produção literária.

Pensamento similar podemos ter em relação à literatura afro-brasileira, uma vez que por meio dela também fazemos uma viagem na diferença. O universo da literatura afro-brasileira também é rodeado por cenários como “miséria e analfabetismo, bem como o exotismo das roupas coloridas, do batuque e do rebolado” (AMÂNCIO, 2014, p. 49). Tais elementos são frequentemente tomados para o lado negativo, porém fazem parte da nossa cultura e vêm em conjunto com uma produção intelectual – o mesmo negro que rebola, toca o batuque e veste o colorido é também aquele que produz



conhecimentos, que está nas universidades, que tem e constrói uma visão crítico-social sobre a sua história, que avalia as migalhas “lançadas pelo poder público/o fubá podre e o feijão carunchado” (DIAS, 2021, p. 34), combina esses elementos ao fictício e os traduz em poesia. Nosso universo se constitui, por natureza, colorido e nossas cores não podem ser mais vistas sob um “caráter reducionista e preconceituoso” (AMÂNCIO, 2014, p. 49).

## Conclusão

Nas palavras de Conceição Evaristo:

A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira (2009, p.27).

Trazer à análise os poemas de um autor negro, contemporâneo e mato-grossense coloca em evidência a capacidade de agregação da palavra, dos estudos acadêmicos, da pesquisa e, por fim, da literatura – espaços que nós negros estamos galgando a cada dia. Um negro professor concursado e poeta, uma mulher negra doutora, uma mulher negra doutora pontuando sobre literatura são certamente denominações as quais demoramos gerações para adquirir. Nossas palavras vêm sempre transpassadas por memórias – emoções, lembranças de nossos antepassados – a voz daquele avô negro ou daquela avó negra que nos passava poesia e contos por meio da oralidade. A esse avô ou àquela avó, somos muito gratos.

Conforme Evaristo (2009, p. 18),



Vol. 23, nº 2 (2022)

tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira.

Dessa forma, o sujeito negro que escreve literatura teria seu modo próprio de escrever, e, completamos, o sujeito negro que pesquisa tal literatura também tem um olhar próprio. Tanto de um lado quanto do outro, a palavra vem como resistência, vem como tentativa de adentramento em lugares outrora “interditados” para nós.

## Referências

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. O universo literário africano de Língua Portuguesa como ferramenta para efetivação da Lei 10.639/03. In: AMÂNCIO, Iris Maria da Costa et al. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ASSIS, Eduardo de. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Literafro** – o portal da literatura afro-brasileira, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 20 dez. 2022.

\_\_\_\_\_, Eduardo de; EVARISTO, Conceição; FELISBERO, Fernanda. Literatura afro-brasileira. IN: Literatura Afro-brasileira. Canal Futura, 2015. [online]. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF\\_n9Vvk](https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF_n9Vvk)>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **A vida escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.



Vol. 23, nº 2 (2022)

DIAS, Valdeire Verneque. Morte da periferia. **Revista Literária Pixé**, Cuiabá, 2019. Disponível em: <<https://www.revistapixe.com.br/valdeire-verneque-dias-20>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. Migalhas. In: **I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura: Antologia de Contos e Poemas**. Org.: CORADINI, Ângela et al. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

EVARISTO, Conceição. (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, 13(25), 17-31.

GOMES, Nilma Lino. Algumas palavras finais. In: AMÂNCIO, Iris Maria da Costa et al. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.